

Biblioteca do D. A. S. P.

A EDUCAÇÃO DE ADULTOS E A BIBLIOTECA

SYLVIA DE QUEIROZ GRILLO
Ex-Chefe da Biblioteca do DASP

INTRODUÇÃO

A questão da educação de adultos só tem de novo o nome. Ela é, pelo menos, tão velha quanto os filósofos gregos. Mas ainda há muita gente, no Brasil, que nega a sua importância.

— "Que nos interessa a educação do homem de 40 anos?" ouvi hoje do diretor de uma Biblioteca de sessenta mil volumes.

E mais :

"Eu estou convencido de que o mal do Brasil é não ter mais analfabetos!"

Tendo me certificado de que não se tratava de uma pilharia, puz-me a meditar sobre o peso dessas palavras. A educação de adultos é, em qualquer parte do mundo, um problema... O que será entre nós, onde a biblioteca nega a sua mais importante razão de ser? É verdade que um programa de educação de adultos não deve ser limitado à ação da biblioteca, mas ela poderá ser o seu melhor agente.

O raciocínio seguido por esse bibliotecário baseia-se em que não se educa a mentalidade de 40 anos de existência e que, portanto, as atenções dos educadores devem ser concentradas na formação das novas gerações. É minha convicção que tal raciocínio é errado. Acredito na evolução diária da mentalidade dos indivíduos maduros, quando objeto de campanhas educativas feitas com tato e eficiência. E quanto ao fato de se julgar mais prático o trabalho educativo com crianças, tenho a ponderar as numerosas desvantagens que esta ação unilateral acarreta. A primeira de todas é a resultante das influências opostas que a criança recebe: pais ignoran-

tes de um lado, professores bem orientados do outro. Para não falar nos problemas de ordem psicológica a que a criança fica sujeita, direi apenas dos embaraços que o meio ambiente e a autoridade paterna opõem à ação benéfica da educação escolar. As outras desvantagens se seguem: a ignorância de adultos creando dificuldades ao Governo, não somente na educação dos filhos, mas também na política, na economia, enfim, no progresso da nação. As condições de higiene e medicina doméstica dos lares incultos ocasionam desastres e mais desastres na procriação, impedindo a formação de uma raça em boas condições de eugenio.

Precisamos conhecer fatos para nos convencermos de que a necessidade de educar adultos é tão premente quanto a de educar as crianças? Aponto para o caso do Japão, como já o fez Miguel Couto, na sua sábia Conferência intitulada: "No Brasil só ha um problema nacional: A educação do povo". "Ha pouco mais de cincuenta anos", contou-nos o grande Professor, "vivia ainda aquele país em pleno regime feudal, sob um governo nominativo de um mikado, mas realmente sub-dividido em castas e seitas dos daimios, dos samurais, dos clans, dos kuges, em contínuas e ferozes lutas de hegemonia e de extermínio. A esquadra americana do Almirante Perry, seguida logo das da Inglaterra e da Rússia, chegou às suas portas, pois o isolamento hermético do Império precisava ser quebrado, ou por intimidação ou por assalto. Apesar de irem ainda em visita amigável, a desconfiança suscitada operou a metamorfose nipônica. Aos gritos de "Vene-

remos o Imperador, expulsemos os bárbaros!" congregaram-se todos em redor de um só homem.

Apenas coroado, Mutusahito publicou sucessivos e felizes éditos: "De hoje em diante não haverá mais no Japão nenhum inculto". E ordenou que o saber fosse procurado no mundo inteiro para assegurar a propriedade do Império; que a instrução fosse disseminada de tal sorte que não restasse em nenhuma aldeia uma só família ignorante, e em nenhuma família um só membro ignorante, sem distinção de sexo ou classe.

O Imperador ordenou, todos o cumpriram. Multiplicaram-se as escolas e todos, crianças, jovens e velhos foram, não somente alfabetizados, mas também educados, porque ali se entendeu que um povo inculto não pode repelir a invasão do solo pátrio pelos cultos. Como resultado, o ínfimo Japão, conhecido apenas há pouco mais de meio século, tornou-se, por meio da educação ministrada ao povo, uma grande potência".

O eminentíssimo Professor cita Yone Noguchi, que diz, no seu "Japan to-day", que "o progresso estonteante da Alemanha, baseado exclusivamente na educação do povo, foi o primeiro e maior estímulo da atual civilização japonesa, estribada no mesmo conceito". E, na realidade, o Japão mantém um sistema de educação *compulsória* e *universal*. Todas as suas crianças (a frequência escolar é de 99 1/2 %) de 6 a 14 anos são obrigadas a frequentar a escola.

E' ainda o ilustre médico brasileiro, que conclui:

"Como se salvou o Japão quando lhe cubicaram o território? Pela educação do povo. Como nos salvaremos nós? Com a cultura do povo, porque da cultura nasce a ambição, da ambição a atividade, da atividade a riqueza, da riqueza multiplicada a fortuna coletiva, e desta a confiança, a força, a durabilidade, a coesão.

Agora mesmo temos diante dos olhos o caso da China que está, em plena guerra, creando escolas de emergência obrigatórias. São não somente para crianças, como também para adultos que não sabem ler os editais militares, que não podem suster guardas de memória as instruções necessárias à defesa do seu território, pois lhes falta a disciplina mental que só a educação faz.

Mas, no Brasil, como cuidar da educação de adultos, se existem alguns milhões de crianças por alfabetizar? Longe de mim a idéia de

negar a importância da alfabetização e da instrução primária que a segue, pois sem elas a educação é impossível. Embora possa parecer, à primeira vista, demasiadamente difícil e caríssima a alfabetização de uma população esparsa num país montanhoso e sem meios de transporte, têm sido estudadas e sugeridas ao Governo soluções perfeitamente exequíveis. Negar-se-á porventura ao Governo o devido interesse pelo magnifico problema nacional? E' rara a pessoa que não o faz. Vivemos num círculo vicioso de censuras: os que não têm cargos públicos culpam de tudo os que os têm, estes os seus chefes, estes o povo. Si fôssemos apurar a quem cabem as responsabilidades do nosso atraso em tudo que se refere a progresso material e cultural, haveríam de, como disse Miguel Couto parodiando Antônio Vieira, conjugar em todas as pessoas e em todos os tempos o verbo penitenciar-se. E continuariam imitando o grande Padre: uns porque fazem, outros porque consentem; uns porque rogam, outros porque atendem; uns porque têm fome, outros porque têm ganas; os sem trabalho e os com preguiça; os inocentes e os velhacos; enfim, os de cima e os de baixo, todos têm responsabilidade na situação de inferioridade em que vivemos perante as outras nações.

Toda inteligência precisa de alimento. Aquelas que não o buscam é porque precisam ser conquistadas à indolência resultante da saúde descurada, de uma existência mal vivida... A higiene preservadora não é aquela imposta à força de Leis às massas ignorantes, mas aquela que penetra o raciocínio dos indivíduos; e esta só pode ser ministrada pela educação.

E' ainda Miguel Couto que nos diz: "A ignorância é uma calamidade pública como a guerra, a peste, os cataclismos, e não só uma calamidade, como a maior de todas, porque as outras devastam e passam, como tempestades seguidas de céu bonançoso; mas a ignorância é qual cancro, que tem a volúpia da tortura no correr célula a célula, fibra por fibra, inexoravelmente, o organismo; dos cataclismos, das pestes e das guerras, se erguem os povos para as bençãos da paz e do trabalho; na ignorância se afundam cada vez mais para a subalternidade e a degenerescência".

Dá-nos êle uma imagem viva da ação da ignorância que, entre nós, impera tanto nos campos como nas cidades. Mas será a mera alfa-

betização do povo o remédio decisivo para essa calamidade pública que nos assoberba? Que adianta a capacidade de ler, si a única leitura ao alcance do bolso pobre é a das novelas policiais? E que benefício traz a leitura frívola e desorganizada dos que a fazem sem uma orientação educativa?

As estatísticas mostram que a maior frequência das nossas bibliotecas é de estudantes de ginásio ou de universidade, os quais já são os privilegiados educandos da nossa terra. E assim mesmo, ainda é bem maior o número daqueles que se contentam, na falta de verba para livros, com as resumidas notas de aula.

Já os funcionários públicos, os empregados do comércio, os operários, etc., precisariam possuir uma clarividência miraculosa para sacrificarem alguns mil réis por mês nas suas viagens à biblioteca e se privarem das distrações e do sono reparador que separam os seus expedientes de trabalho, para irem buscar educação nas nossas bibliotecas. E' que a nossa gente, à qual tudo é difícil, exceto o mísero meio de subsistência, não sabe de que mal está sofrendo... E as nossas bibliotecas não lhe facilitam a descoberta. O nosso bibliotecário alega que o povo brasileiro não é "educado", de modo que não se lhe pode confiar os livros da biblioteca para serem lidos em casa. Si o público americano tivesse "nascido educado", a biblioteca ativa não teria tido razão de ser.

No dia em que o nosso Governo compreender que a educação do povo é a melhor "lei de segurança" para qualquer obra administrativa, encontrará meios de ampliar as nossas verbas de ensino e educação, com as quais fará divulgar por todos os rincões do país o ABC das letras, das ciências e das artes. Mas para que os bons resultados sejam imediatos, mandará cultivar a mentalidade e o espírito dos adultos seus contemporâneos, que são, pela sua falta de cultura, as vítimas e os alugores do Governo.

Porém como fazê-lo?

Creando Bibliotecas Públcas e Ativas. Nada do que possuímos merece esse nome. Aquelas a que me refiro são instrumentos preciosos de paz e progresso, de cuja ação o nosso Governo nunca se valeu. Valem-se delas os governos norte-americanos e obtêm como resultado a capacidade de governar dentro da mais irrestrita, civilizada e gloriosa liberdade de pensamento,

A BIBLIOTECA PÚBLICA AMERICANA

Melvil Dewey, o pioneiro da biblioteca ativa, escreveu, em 1904, para a Encyclopédia Britânica: "A biblioteca moderna é menos um reservatório do que uma fonte. O seu bibliotecário é fator ativo, "agressivo", na educação popular. A mais potente e econômica influência a ser exercida no jovem e no ancião para o bem é por meio da leitura. It is the largest lever with which human hands have ever pried."

Quando pensamos em biblioteca, imaginamos logo um edifício colossal, onde os livros são guardados como as relíquias de um museu. Nos Estados Unidos, com poucas e justificadas exceções, a biblioteca pública é instalada numa casa pitoresca, com aspecto residencial. Tem jardim e não raro trepadeiras floridas cobrem-lhe as paredes. O seu interior é arranjado sem o menor cunho de austeridade ou simetria. Cadeiras confortáveis, jarros de flores, asseio, cordialidade e auxílio, tudo é facultado ao leitor casual ou costumeiro. As crianças encontram uma salinha mobilada e decorada de acordo com as suas pequenas estaturas e gostos infantis. O mínimo de exigências lhes é feito, o máximo de atenções lhes é prestado.

Exagéros de americanos, dirão os leigos; inteligente programa de uma feliz campanha pela educação, dirão os bem informados. Realmente, o ambiente criado na biblioteca americana atrai os membros mais heterogêneos de toda uma comunidade. Mas não é somente o "meio físico" que é cuidado, e que produz tão bons resultados. A organização técnica e administrativa é modelar. Os depósitos de livros, sem poeira e divididos por assunto, são de livre acesso; os catálogos, com fichas asseadas e racionais, são do gênero dicionário, isto é, contêm simultaneamente, em rigorosa ordem alfabética, fichas de autores, assuntos e títulos das obras.

O livro escolhido pelo leitor casual pode ser lido na sala de leitura, sem ter de passar pela menor formalidade, sem o bibliotecário saber sequer o nome do seu leitor. A primeira exigência é feita somente quando o leitor quer servir-se da Secção de Empréstimo de Livros. Então é que o bibliotecário lhe anuncia que se deve registrar, afim de ter mais essa prerrogativa. O sistema de registro varia um pouco em cada biblioteca, mas a tendência geral é para a liberalidade. Na Bi-

blioteca Pública de Washington D. C., basta que o nome da pessoa conste da lista telefônica para que o bibliotecário aceite o seu registro na biblioteca. Assinado um termo de compromisso, pelo qual o leitor se torna responsável pelos livros retirados da biblioteca por meio do seu cartão de registro, alguns milhares de livros ficam à sua disposição.

O leitor frívolo verifica que a biblioteca só lhe empresta um livro de ficção de cada vez. Entretanto, poderá retirar tantos livros técnicos, literários, didáticos, etc., quantos quiser. E' mais uma medida diplomática, com que a biblioteca americana procura elevar o nível intelectual dos seus leitores.

O leitor estudioso e assíduo sente-se como que dono da biblioteca. A seu pedido, prepare-lhe o bibliotecário uma bibliografia sobre qualquer assunto. E' que a biblioteca americana entende que não deve poupar esforços no sentido de cooperar em toda e qualquer iniciativa de ordem cultural. O bibliotecário, ou um dos seus assistentes, está sempre à disposição do público para prestar informações, que são dadas até pelo telefone. Elas são facultadas ao leitor principiante, desde o modo como usar o catálogo e as estantes, até como descobrir a leitura que lhe convém.

As crianças, como os adultos, aprendem a considerar a leitura um divertimento dos mais completos. Para ilustrar esta afirmação, citarei Arthur E. Bostwick que nos conta ser comum, nos Estados Unidos, as escolas fazerem um apelo às bibliotecas para que fechem os Departamentos Infantil durante os seus recreios, afim de que as crianças não se privem, atraídas pela biblioteca do exercício físico ao ar livre. Isto acontece quando existe uma sucursal da Biblioteca Pública nas proximidades de um Instituto de ensino.

Mas a biblioteca moderna não se contenta de servir àqueles que a procuram. Si assim fôsse, ela não seria chamada com propriedade **biblioteca ativa**. Ela tem **Sucursais** nos bairros mais populosos, **Sub-Sucursais** nos de menos movimento, **Agências-Depósitos**, onde o número reduzido de habitantes não justifica as despesas com **Sub-Sucursal**, e **Agências de Encomendas e Entregas** nos subúrbios mais afastados.

A **Sucursal** é uma biblioteca em ponto pequeno. E' convenientemente instalada, em pré-

dio próprio ou em edifícios escolares. Tem um grande stock permanente de livros, catálogo, bibliotecários competentes, etc.

A **Sub-Sucursal** é uma Sucursal em ponto menor e cujo número de empregados não permite o funcionamento mínimo de oito horas.

A **Agência-Depósito** é instalada numa casa comercial, na sede de clubes e associações e outros lugares congêneres. Tem um stock de livros, que é trocado à medida que vai diminuindo a sua procura. Está geralmente a cargo de uma pessoa, que mantém um registro do movimento de empréstimo de livros, do qual presta contas à Biblioteca central.

A **Agência de Encomendas e Entregas** é o lugar onde se recebem pedidos de livros, a serem atendidos mais tarde pela Biblioteca. Origina-se num entendimento entre a Biblioteca e comerciantes instalados em zonas muito afastadas do centro da cidade e que, pelo anúncio da coleção de livros a seu cargo, conseguem atrair grande número de pessoas às suas casas.

Os agentes desses sistemas de difusão da leitura colaboram entre si, de acordo com o plano geral adotado pela Biblioteca. Por exemplo, uma Sucursal faz também o papel de Agência de Encomendas e Entregas quando ela não possue um determinado livro procurado por um seu leitor; a Sucursal, nesse caso, toma o livro emprestado à Biblioteca central, ou à outra Sucursal, afim de manter o princípio de "Servir sempre que possível". O tempo e o trabalho envolvidos na execução dessa orientação são economizados por meio de bona organização dos serviços.

Além dessas ramificações da biblioteca, espalhadas por todos os recantos de uma cidade, existem ainda dois sistemas de difusão cultural nas zonas rurais. São êles as **Bibliotecas Viajantes** e as **Bibliotecas Municipais** (County Libraries).

As **Bibliotecas Viajantes** são meras coleções de livros geralmente organizadas pelas Bibliotecas Estaduais e mandadas, mediante pedido por escrito, para Associações, Escolas ou a particulares, para serem circuladas sob a sua responsabilidade. A Biblioteca Pública de Nova York usa um stock de 85.000 livros e emprega nesse serviço 28 funcionários. No ano de 1927 circularam desse modo 635.000 volumes. As **Bibliotecas Viajantes** são também remetidas a Hospitais, onde ha, naturalmente, o maior cuidado na sua

distribuição para que não sejam usadas por portadores de moléstias contagiosas. O modo mais prático pelo qual essas coleções de livros são organizadas é o seguinte:

Selecionam-se as melhores obras sobre um ou vários assuntos correlativos e agrupam-nas sob as denominações de "Biblioteca 1", "Biblioteca 2", etc. O número de volumes de cada grupo pode variar entre 10 e 500. As coleções maiores têm obras sobre todos os assuntos, além de livros de ficção. (Tratarei, na última parte deste trabalho, dos assuntos que, penso, devem ser divulgados por este e outros meios). Um catálogo dessas coleções tem sido de grande utilidade para a sua popularização. É geralmente editado assim:

BIBLIOTECA 1
Obras primas da literatura nacional
(lista bibliográfica)

BIBLIOTECA 2
Coleção Brasiliiana
(lista bibliográfica)

BIBLIOTECA 3
Coleção miscelânea

O catálogo assim confeccionado, de acordo com as coleções organizadas e acondicionadas para as viagens, é gratuito e largamente distribuído pelas zonas rurais a cargo das Bibliotecas Estaduais. Esse catálogo é acompanhado de uma carta-circular expondo as condições de empréstimo e convidando a todos os habitantes rurais dos Estados para se candidatarem a distribuidores de uma Biblioteca Viajante.

As condições de empréstimo são as seguintes:

- a) Haver uma pessoa responsável que mereça toda confiança;
- b) Haver um número razoável de pessoas a serem beneficiadas pela coleção pedida;
- c) Ser feito um registro do movimento de empréstimo dos livros, do qual se mandará, regularmente, um relatório à Biblioteca.

Si os relatórios mostram que a coleção não está sendo suficientemente usada, ela é retirada e colocada noutro lugar onde possa ser de mais

utilidade. Como consequência, as pessoas interessadas na retenção de uma coleção, fazem-lhe uma boa propaganda, de que resultam os efeitos desejados. Enquanto uma coleção estiver sendo usada com grande movimento, a Biblioteca não a reclama, seja qual for o tempo necessário para diminuir a sua procura. Em alguns casos, manda-se um bibliotecário inspecionar o uso que está sendo feito das Bibliotecas Viajantes.

Pequenas coleções de 10 ou mais livros são chamadas "Bibliotecas do Lar" e são mandadas, mediante pedido, a particulares residentes em fazendas, aldeias, etc.

O bibliotecário que tem a seu cargo a distribuição das Bibliotecas Viajantes, lhes faz intensa publicidade, afim de que afluam numerosos pedidos dentre os quais possa ser feita a escolha daqueles que estão em condições de receber uma ou mais coleções. No caso de não aparecerem tais pessoas, a Biblioteca toma a iniciativa de um entendimento com o diretor da escola ou o pároco do povoado onde queira introduzir o hábito da leitura. A escola é lugar propício à instalação de uma Biblioteca Viajante, contanto que esta fique acessível, regularmente, ao público adulto, e que se encontre uma pessoa bem indicada para fazer, gratuita ou remuneradamente, o serviço de publicidade e de controle do movimento de empréstimos. A sede de uma paróquia também se presta muito à instalação de uma Biblioteca Viajante.

O Vagão Ambulante é outra modalidade de Biblioteca Viajante. Adotado pela primeira vez no Estado de Maryland, divulgou-se muito o seu uso nos outros Estados norte-americanos. Alguns são instalados de modo que as estantes sejam acessíveis pelo lado de fora do carro; outros são tão grandes que permitem a instalação de estantes acessíveis pela parte interna do veículo, onde o Bibliotecário que o conduz regista o movimento de empréstimos e recebe encomendas. Esses Vagões Ambulantes estacionam regularmente em pontos de grande movimento, tais como a igreja, o correio, a escola, as praças, e até em encruzilhadas de estradas, onde os moradores de fazendas vêm ao seu encontro.

No Brasil, um sistema parecido com esse foi adotado, em 1936, na cidade de São Paulo, pela sua Biblioteca Municipal. Este sistema diferencia-se do americano em que não se emprestam os livros para serem lidos em casa. O emprés-

timo dura o tempo de estacionamento do Vagão-Biblioteca, não podendo os leitores se afastarem do local. O estacionamento é feito todos os dias, alternadamente, na Praça da República e no Jardim da Luz. O seu horário é das 12 às 18 horas. O caráter altamente educacional desse empreendimento evidencia-se pelo gênero de obras consultadas ou lidas, por esse meio, nas praças públicas de São Paulo. São geralmente obras de vulgarização científica, literária, técnica e, contrariamente à qualquer expectativa, pouca ficção. A estatística de leitores é publicada mensalmente nos jornais da capital paulista, mas a prova mais eloquente do sucesso dessa iniciativa é o animador e pitoresco quadro que se apresenta aos olhos de quem passa pela Praça da República durante as horas do estacionamento do Vagão-Biblioteca.

O outro meio de difusão cultural nas zonas rurais — as Bibliotecas Municipais (County Libraries) — resulta de um esforço do americano no sentido de se levarem livros aos habitantes dessas zonas de um modo mais intensivo do que o fazem as Bibliotecas Estaduais, por meio das Bibliotecas Viajantes.

Em 1929, dos 48 Estados da União norte-americana, 34 já tinham feito passar leis regulando esse serviço; esses Estados já possuíam, àquela data, 260 Bibliotecas Municipais. Só no Estado da Califórnia existiam 46 Bibliotecas desse tipo, que passo a descrever:

O Município estabelece um imposto para a manutenção de um Serviço de Biblioteca dentro do seu território. Crea-se uma Biblioteca Central, que é estabelecida na sede do Município. Instalam-se **Agências-Depósitos** por todo o Município, em Escolas, casas comerciais, ou mesmo em residências particulares, contanto que sejam tornadas acessíveis ao público, sem dificuldades de qualquer natureza.

As Bibliotecas Municipais americanas geralmente não têm necessidade de alugar prédios para instalar as suas coleções de livros nas cidades e vilas dos Municípios. Conquistam o espírito de colaboração das pessoas gradas locais, as quais tudo lhes facilitam. Quando não conseguem interessar uma pessoa para tomar conta, graciosamente, do movimento de livros, oferecem uma gratificação à pessoa mais indicada para conseguir introduzir, no lugar, o hábito da leitura. Na sede do Município, um bibliotecário competente controla todo o serviço de propaganda e

difusão cultural nos setores rurais onde estão instaladas as Agências-Depósitos.

A Biblioteca do Município de Washington, Estado de Maryland, foi criada em 1898. Em 1901 foram instaladas coleções de livros em 23 Agências-Depósitos, espalhadas pelo Município. O seu velho e famoso "Vagon de Livros" começou a trafegar em 1905 e hoje, substituído por um automóvel, serve a 3.500 leitores rurais. Entretanto, o maior sucesso alcançado pelas Bibliotecas Municipais foi no Estado da Califórnia, onde o movimento começou em 1909. Em 1928 somente 12 dos 58 Municípios daquele Estado não tinham serviço local de biblioteca. As bibliotecas dos restantes 46 Municípios possuem 2.500.000 livros distribuídos em 4.000 Sucursais e Agências-Depósitos.

As vantagens das Bibliotecas Municipais sobre as Bibliotecas Viajantes, organizadas pela Biblioteca Estadual, são que aquelas ficam a cargo de bibliotecários que estão em contacto direto com os leitores rurais, assim como as pequenas distâncias que separam as povoações de um Município tornam mais fácil e mais barato o transporte dos livros.

As bibliotecas municipais são consideradas, nos Estados Unidos, o passo mais importante e feliz para o desenvolvimento da cultura americana.

No Brasil, só o Estado de São Paulo, ao que me parece, está tentando organizar os serviços de biblioteca, abrangendo a Capital e os Municípios. E' o que se deduz da Lei Estadual n. 2.839, de 5 de janeiro de 1937, onde se lê nos parágrafos 1.º e 2.º, do art. 1.º, respectivamente: "Competem ao Estado os referidos serviços (organização, manutenção, administração e desenvolvimento) quanto às bibliotecas universitárias, às dos institutos especializados e às anexas a repartições e escolas públicas estaduais"; e ainda: "Competem ao Município os mesmos serviços em relação às bibliotecas não especializadas, às das repartições municipais e às populares e infantis quando não forem anexas a estabelecimentos estaduais de ensino".

Um país sul-americano, a Colômbia, adotou um sistema interessante para a divulgação de sua literatura. Foram feitas edições baratas de mais de uma centena das melhores obras literárias colombianas. Organizaram-se, assim, numerosas coleções do mesmo tipo, sob o título de **Bibliote-**

cas Aldeanas, que foram distribuídas por todo o país. Um bibliotecário americano, Dr. Lewis Hanke, tendo visitado aquele país vizinho, declarou-me que a **Biblioteca Aldeana** era um verdadeiro sucesso, que deveria inspirar-nós um movimento em prol da divulgação, entre o nosso povo, das belas letras nacionais.

A AÇÃO DA BIBLIOTECA ATIVA NA EDUCAÇÃO DE ADULTOS

A ação da biblioteca ativa na educação de adultos é das mais eficientes. O serviço que ela presta não é recebido compulsoriamente, não é regimentado nem acadêmico. Por conseguinte, ninguém se julga bastante educado para prescindir do seu uso e aquele que a usa recebe, inconscientemente, a sua influência, pois só lê aquilo de que ela dispõe e ela só dispõe do que fôr útil à sua educação intelectual, moral e cívica.

A função da biblioteca no processo educativo é interpretativa e altamente individualista. Ela fornece o elemento prazer para os mais variados gostos; mas o seu principal objetivo é despertar a curiosidade, interesse, amor pela leitura saudável, pela atividade intelectual. Procura crear em seus leitores a ambição intelectual de que se originam, muitas vezes, felizes inspirações. Favorece, assim, o descobrimento de vocações uteis ao progresso da Nação. A sua ação é desenvolvida da seguinte maneira:

1. Fornecimento individual de livros e auxílio intelectual por meio de bibliografias e orientação pessoal, quando forem desejados;

2. Cooperação com outras medidas educacionais, por meio do fornecimento do serviço e material de biblioteca;

3. Campanhas educativas frequentes e larga publicidade dos seus serviços.

A atividade da biblioteca em prol da educação de adultos começa pela sua própria introdução nos meios incultos e atrasados. A sua introdução significa a implantação do hábito da leitura, imprescindível na educação; significa também "a disciplina da responsabilidade", cultivada pelo empréstimo de livros, os quais têm de ser devolvidos em perfeito estado de conservação e na data aprazada. Conseguido isso dos leitores que a procuram espontaneamente, a biblioteca busca mais leitores, os quais, encontrando nela ordem,

eficiência, cordialidade e o bom exemplo dos leitores antigos, se rendem aos meios do progresso.

Como é feita essa busca?

Pelo rádio, em palestras curtas e bem feitas: pelos jornais, em artigos de escritores populares, ou em listas de livros criticados por pessoas competentes. Estes serviços são, nos Estados Unidos, da competência do diretor da biblioteca.

A **American Library Association** organizou um sistema de publicidade muito eficaz em prol do serviço de biblioteca. Entre outras numerosas iniciativas mandou preparar uma série de folhetos sobre assuntos literários, científicos, técnicos e artísticos de grande valor cultural, mas ao alcance de qualquer leigo. Essa série de folhetos é intitulada: "Leitura com um Propósito". Os folhetos são organizados do seguinte modo: um artigo introduzindo qualquer assunto de uma maneira elementar, resumida, mas completa, seguido de uma lista bibliográfica compilada e comentada pelo ensaista, que é uma autoridade no assunto apresentado. As bibliotecas americanas, como ficou dito acima, encontram nessa série de publicações um util instrumento de publicidade e difusão cultural. E, portanto, adquirem todos os livros constantes das bibliografias, para que os leitores atraídos pelos folhetos às bibliotecas não fiquem decepcionados na sua confiança e tolhidos no seu interesse.

Nas cidades pequenas, a posição que a biblioteca ocupa é das mais favoráveis aos seus objetivos. Depois da igreja e do cinema, é para a biblioteca que convergem as atenções. Um bibliotecário habil consegue em pouco tempo a cooperação das pessoas de maior prestígio local. Convidá-las para membros de um Conselho Cultural é o seu primeiro passo. Essas pessoas são escolhidas dentre os seguintes grupos: diretores e professores de Escolas, diretores e membros ativos de clubes e associações, autoridades públicas locais, párocos e "leaders" de associações religiosas e membros do alto comércio. Essa heterogeneidade é muito útil à rápida introdução dos serviços de biblioteca. Constituído o Conselho, começa o bibliotecário por incutir nos seus membros a prática da leitura para que êles espensem, assim, sinceramente, as idéias que vão ajudar a difundir.

Everett Dean Martin ensina-nos o modo de como deve ser iniciado um programa educativo: "A educação precisa começar conosco, e no en-

tanto nós a consideramos sempre como uma necessidade nos outros. Estou convencido de que devemos buscar a educação adulta para nós mesmos afim de que possamos e saibamos educar os outros adultos, pois não acredito que uma pessoa cuja educação estacionou possa ensinar aos outros a continuarem com a sua".

"Educado", portanto, o Conselho, o bibliotecário põe-lhe nas mãos a tarefa de definir para os seus conterrâneos "a significação da biblioteca na vida de uma cidade". Sob êsse título escreveu John Cotton Dana para o *Library Journal* de agosto de 1902: "Nós estamos, pela primeira vez em toda a história, construindo nas nossas bibliotecas templos de felicidade e sabedoria comuns a todos nós. Nenhuma outra instituição creada pela sociedade é tão larga no seu escopo, tão universal no seu apêlo, tão chegada a cada um de nós, tão convidativa para o moço e o velho, tão apropriada ao ensino, que é administrado, sem arrogância, ao ignorante, e, sem falhas, ao mais sábio.

O bibliotecário que consegue fazer de cada um dos membros do Conselho um apóstolo fervoroso dêsse credo, tem o sucesso da biblioteca assegurado. Procede, então, à organização de cursos de leitura, cuja finalidade é orientar o estudo de vários assuntos culturais e, algumas vezes, estimular um raciocínio inteligente sobre as questões públicas do país. Êsses cursos são dados em classes homogêneas ou em particular. As classes não devem ser muito grandes e são orientadas do seguinte modo: o bibliotecário combina com a classe um assunto a ser lido e distribue livros sobre êsse assunto, fazendo-lhes uma leitura crítica. Na semana seguinte reune-se a classe, discutem-se as impressões dos leitores e trocam-se os livros entre êles. Nas grandes cidades, os bibliotecários promovem excursões, visitas a museus, a jardins botânicos, etc., como complemento ilustrativo das leituras feitas sob sua direção.

Os cursos particulares são dados quando o bibliotecário é procurado nêsses sentido. Começa por entrevistar o candidato, para conhecer a sua idade, ocupação, os seus hábitos de leitura, afim de poder julgar de sua cultura, interesses, seriedade e firmeza de propósitos. Conhecidos êsses antecedentes, o bibliotecário, acolhendo as suas sugestões, lhe diagnostica as leituras de que carece.

No Brasil, o bibliotecário terá mais um dever, que lhe deverá ser sagrado: alfabetizar. Classes noturnas para adultos, onde só se ensinará a ler, terão forçosamente de constar do programa educativo das nossas bibliotecas públicas.

Todas as bibliotecas devem possuir uma sala, para onde se convoquem as reuniões dos Conselhos, onde se realizem conferências, palestras, etc., e onde o bibliotecário possa dar os cursos de leitura.

Além da orientação sistematizada ministrada em cursos, a biblioteca mantém um *Serviço de Informações* para os leitores em geral. Êsse Serviço atende a consultas do seguinte gênero: "quais são os últimos livros sobre tal assunto", "que romance deverei levar para uma menina de quatorze anos de idade", "como poderei descobrir uma bibliografia completa sobre tal assunto", "pode informar-me si a Biblioteca tem tal livro", enfim, de como usar a biblioteca. Êsse serviço responde ainda a consultas, feitas por correspondência, de leitores que não residem no lugar. O bibliotecário precisa estar sempre ao par de toda a bibliografia moderna para estar sempre habilitado a orientar o público na escolha de sua leitura. Nos Estados Unidos, muitas bibliotecas permitem ao bibliotecário encarregado do *Serviço de Informações* que ocupe com leitura algumas horas do expediente. A escolha dêste bibliotecário é muito rigorosa, pois, de sua bôa disposição para com os leitores e competência para o exercício do cargo, depende, em parte, a bôa reputação da biblioteca.

Ha também, naquele país, uma particularidade interessante no serviço de biblioteca. E' que a grande maioria dos seus funcionários são mulheres. Parece-me que a razão é ser o cargo de bibliotecário parente muito próximo do de professor, e a propensão da mulher para êste último é reconhecida em todo o mundo.

Além de muitos outros serviços especiais de possível execução, a biblioteca ativa, com o seu mero programa de difusão da leitura, constitue um instrumento de primeira necessidade na educação de um povo. Corrobora esta afirmação o que escreveu, em 1935, Morse A. Cartwright no seu livro intitulado "Ten Years of Adult Education": "Não pode haver nenhuma dúvida sobre a importância do papel que a biblioteca desempenhará na educação de adultos. O grande aumento que se verifica do uso das facilidades que

a biblioteca moderna oferece é a consequência lógica do desenvolvimento da idéia de educação de adultos" "A biblioteca do futuro proverá tanto para o desejo que têm os desprovidos de educação de expandir a sua inteligência, como para a atividade intelectual contínua daquelas que possuem mentalidades maduras e cultas. Pode dizer-se que, educacionalmente, a biblioteca pública entrou na sua "golden era". Ela tem, na educação de crianças e adultos, um papel importante na produção de uma cultura americana".

EM QUE DEVE CONSISTIR A EDUCAÇÃO DE ADULTOS ?

Entendo que deve ser uma educação liberal. Ora, a função básica da educação liberal é o desenvolvimento dos poderes intelectuais e das características pessoais inerentes a cada indivíduo.

Na educação da criança, dá-se-lhe a oportunidade de passar em revista, por meio de um estudo elementar, toda a essência do conhecimento humano. Mas na educação do adulto é diferente; ele precisa necessariamente apenas conhecer a si e à sociedade. Portanto deve-se induzi-lo a :

1.º) Buscar o conhecimento do homem, baseando-se nas ciências de eugenio e psicologia.

2.º) Procurar compreender a sociedade, sua organização, inclinações e necessidades.

A primeira ordem de estudo é a mais importante para a vida quotidiana do indivíduo pois nela se estudam noções de fisiologia, nas partes referentes à função das glândulas, dos nervos, etc.; psicologia, com uma pequena introspecção na psiquiatria; higiene, incluindo medicina doméstica, dietética e, finalmente, educação física, no que diz respeito à sua necessidade e como deve ser orientada.

Quanta falta fazem êsses conhecimentos! Não raro vê-se a ignorância prescindindo até dos mais necessários cuidados médicos. Ora é o chazinho de raízes, prescrito pela comadre, que toma o lugar da fórmula científica curadora, ora as "benzedeiras" e os "curandeiros", que concorrem em número de clientela com médicos estudiosos e devotados à profissão. E a maior vítima é a criança, cuja menor desgraça é, em alguns casos morrer. Não exagero. Digo o que tenho sentido muitas vezes, ao ver uma criança entregue

pelo destino à ignorância crassa dos seus próprios pais, que além de não a saberem cuidar na doença, não a sabem tratar quando sadia. Haja visita os castigos físicos que lhe inflingem. Geralmente a única razão de ser de tais castigos é a irritação momentânea do pai ou o nervosismo incontido da mãe. Si esse pai ou essa mãe tivessem lido o mais elementar estudo de psicologia infantil, saberiam dirigir melhor a educação do filho, o que lhes conquistaria a grande felicidade de se fazerem obedecer por ele sem o recurso à brutalidade dos espancamentos, tão condenados pela ciência moderna.

E o que se dirá da higiene, que vemos diariamente ultrajada pela ignorância? Miguel Couto diz que "ela precisa penetrar por todo o país paralelamente ao ensino, para reintegrar no seu índice normal de robustez toda essa gente reduzida pela vérmina a meio-homem, a um terço de homem, a um quarto de homem".

Mas a higiene de que falo não é só a do combate à malária, à anquilostomíase, à febre amarela e ao tifo. E' também a higiene doméstica e a higiene moral; essas só a educação pode dar.

Noções de dietética, entre nós, são igualmente de grande utilidade. Num país tropical como o nosso, onde as verduras e as frutas vitaminosas dão ao mero esforço de deixar caír na terra uma semente, a nossa alimentação não só é exagerada em volume, como consiste, primordialmente, de cereais e massas supertemperadas, cuja ação calorífica é absolutamente desaconselhada para o nosso clima.

Quanto à nossa educação física, é privilégio de ricos e assim mesmo só existe nas grandes capitais. Quem já morou no interior, sabe que nem a equitação nem qualquer outro esporte, que não seja o futebol, é praticado. E este, por um grupo diminuto de rapazes. Será ociosa aqui qualquer dissertação sobre a importância da educação física na formação de uma raça; lembrei apenas que si existe uma raça em formação, é a nossa...

A segunda ordem de estudos é de grande alcance para a vida política e econômica do nosso país. Aprendem-se aqui noções de sociologia, história, geografia, economia e ciências políticas; estudam-se fundamentos de filosofia e leem-se os estudos comparativos das religiões, assim como as melhores obras das literaturas nacional e estrangeiras.

Naturalmente que êsses conhecimentos são por demais vastos e complexos para estarem ao alcance de um cérebro que não possúa o patrimônio de uma instrução básica. Mas evidentemente a sua difusão será feita com o aparelhamento necessário e a devida orientação pedagógica. De outro modo, o bibliotecário ver-se-ia obrigado a pôr nas mãos de um leigo um Tratado escrito para o estudosos. Mas já sabemos o modo de evitar tais circunstâncias: editando-se **bibliotecas populares** sobre cada uma dessas ciências e artes. Poderão constar de traduções e obras nacionais, mas que sejam rigorosamente selecionadas e tecnicamente organizadas para que representem o melhor pensamento dos educadores da época e sejam traduzidas ou escritas em estilo simples e atraente.

A educação do nosso povo é tanto mais difícil quanto reduzida é a nossa literatura técnica e científica. Precisamos de traduções e mais traduções até que a nossa cultura produza um número apreciável de trabalhos originais. Enquanto isso, é preciso que se busque no conhecimento de pelo menos uma língua universal o meio de comunicação indispensável com o mundo cultural. Mas isso não se pode esperar da massa adulta por se educar. Ha um provérbio

que diz: "Papagaio velho não aprende a falar". Embora o caso em questão não seja falar, mas, ler, a aprendizagem de uma nova língua não é aconselhável na educação de adultos, pois as vantagens que tal estudo lhes traz não compensa, geralmente, o tempo e os recursos financeiros que ele requer. Infelizmente o número diminuto dos nossos institutos de ensino e a maneira insatisfatória como neles é ministrado o ensino de línguas não nos permitem esperar que as nossas futuras gerações não permaneçam isoladas do mundo cultural pelo pouco cosmopolitismo da língua de Camões. Salvam-nos do ostracismo cultural os nossos educadores, que, si não nos ensinam línguas, pelo menos fazem sua a tarefa de interpretar para nós a cultura estrangeira. Urge, porém, a criação, entre nós, de uma classe que sirva de agente dos educadores e pensadores nacionais: é a dos bibliotecários. Eles serão os agitadores do povo em favor da educação!

Os bibliotecários da nova escola terão a cultura geral indispensável à sua função liberal de distribuidores de livros, de informadores do povo, de divulgadores do Saber; terão como norma de ação o princípio de que é preciso encontrar um leitor para cada livro da biblioteca, e proporcionar a cada cidadão brasileiro o livro de que necessita para o seu bem e para o bem da Nação.

ALGUNS LIVROS NOVOS

ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

COMMISSION OF INQUIRY ON PUBLIC SERVICE PERSONNEL — Minutes of evidence taken before the Commission of Inquiry on Public Service Personnel... New York, McGraw-Hill Book Company, Inc. 1935.

Os trabalhos da "Commission of Inquiry on the Public Service Personnel" foram divididos em dois grupos: 1) coleta e consideração de fatos e opiniões; 2) apresentação ao governo americano do resultado dessas pesquisas e de sugestões para um recomendável plano de reconstrução. Satisfazendo

a primeira parte do programa, a Comissão organizou em diversas cidades, entre elementos destacados do serviço público, conhecidos como estudosos do assunto, interrogatórios que, taquigrafados e resumidos, constituem a matéria da presente obra.

FRIEDRICH, Carl Joachim e outros — Problems of the American Public Service. New York, McGraw-Hill Book Company, 1935. 433p.

Reune este trabalho monografias sobre uma série de estudos especiais, relativos aos cargos de confiança, à administração do pessoal, à organização das instituições governamentais, ao serviço municipal, etc., e submetidas ao julgamento da "Commission of Inquiry on the Public Service Personnel".

LUCE, Robert — *Legislative problems*. Boston, Houghton Mifflin Company. 1935. 762 p.

Esta obra completa o grande trabalho de Robert Luce sobre os problemas legislativos e sobre a técnica e conhecimentos necessários ao legislador.

MERIAM, Lewis — *Public Personnel Problems*. Washington, The Brookings Institution, 1938. 439 p.

Neste trabalho o autor se propõe a responder às seguintes questões:

Que modificações se fazem desejar no sistema de aposentadoria americano?

Que deve a "carreira", no Serviço Público, realmente significar?

Como fazer a seleção dos funcionários?

Que deve ser feito para obtenção da perfeita eficiência do pessoal?

Devem as pessoas com prática e conhecimentos de administração substituir os técnicos na direção dos serviços técnicos e científicos?

Que influência têm os chefes de serviço na administração geral do pessoal?

Porque deve ser uma comissão, de preferência a um único administrador, o órgão central da direção do pessoal?

MOSHER, William E. e Kingsley, J. Donald — *Public Personnel Administration*. New York, Harpen and Brothers Publishers, 1936. 587 p.

Apresentando sugestões que julgam de grande interesse para a eficiência, economia e justiça de sua organização, os autores mostram a administração do pessoal como é realizada hoje, nos Estados Unidos da América do Norte.

PFIFFNER, John M. — *Public Administration*. New York, The Ronald Press Company, 1935. 525 p.

Completo e eficiente compêndio para os estudiosos em administração pública. Analisa o mecanismo governamental nacional, estadual e local. Mostra certos erros no método americano adotado e sugere os meios de evitá-los.

FINANÇAS

BUCK, A. E. — *The budget in governments of today*. New York, The McMillan Company, 1934. 349 p.

Como uma exposição completa e valiosa, de interesse para todos os que estudam os processos antigos e modernos da técnica orçamentária, o autor analisa os princípios fundamentais dos métodos empregados nos Estados Unidos da América do Norte e em outros países, apontando suas falhas e apresentando sugestões para o seu aperfeiçoamento.

BUEHLER, Alfred G. — *Public Finance*. New York, McGraw-Hill Book Company, 1936, 629 p.

Este trabalho é destinado aos que desejam uma introdução para o estudo dos princípios e dos problemas financeiros, tratando o autor, particularmente, daqueles que interessam à situação americana.

JENSEN, Jens P. — *Government Finance*. New York, Thomas Y. Crowell Company, 1937.

"Government Finance" apresenta qualidades que merecem ser comentadas. É o valioso resultado de longos anos de pesquisas e estudos; é facil de ser lido e compreendido; é perfeitamente atualizado, qualidade de valor primordial para qualquer obra técnica.

PUBLICAÇÕES OFICIAIS EDITADAS EM 1939 E RECEBIDAS EM AGOSTO

FEDERAIS

CONSELHO FEDERAL DE COMÉRCIO EXTERIOR

Secção de Fomento

Condições econômicas e comerciais das Repúblicas Dominicana e Haití. Rio de

Janeiro, Conselho Federal do Comércio Exterior, 1939. 15 f.

Secção de Pesquisas Econômicas

Intercâmbio Brasil-Suécia. Trabalho organizado por Erik Jacobson. Rio de Janeiro, 1939. 48 p.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Abastecimento das repartições, por Eudoro Lincoln Berlinguer. Trabalho premiado no Primeiro Concurso de Monografias sobre questões relativas à administração pública. Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Ministério da Educação e Saúde, 1939, 37 páginas.

A organização racional dos serviços, por Paulo Acioli de Sá. Trabalho premiado no Primeiro Concurso de Monografias sobre questões relativas à administração pública. Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Ministério da Educação e Saúde, 1939, 19 páginas.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

Resoluções aprovadas pela Junta Executiva Central do Conselho Nacional de Estatística, no ano de 1938. Rio de Janeiro, Oficinas do Serviço Gráfico do Inst. Bras. de Geog. e Estat. 1939. 54 p.

Departamento de Estatística Geral — Espírito Santo.

Exportação de café, de janeiro a maio de 1939. Vitória, D. E. P. 18 f.

Relação de firmas exportadoras de Vitoria. 1936-1938. Vitoria, 17 p.

Departamento de Estatística e Publicidade — Santa Catarina.

Finanças públicas. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1939. 145 p. Pub. n. 10.

AGRICULTURA, MINISTÉRIO DA :

Departamento Nacional da Produção Animal.

Divisão de Fomento da Produção Animal.

A raça jersey, pelo zootecnista J. N. B. Zany. Rio de Janeiro, Oficinas Gráfi-

cas do Serviço de Publicidade Agrícola. 17 páginas.

FAZENDA, MINISTÉRIO DA :

Diretoria das Rendas Aduaneiras.

Boletim Estatístico das Rendas Aduaneiras. Rio de Janeiro, Serviços Hollerith, 1939, junho (n. 15).

GUERRA, MINISTÉRIO DA :

Almanaque do Ministério da Guerra, para o ano de 1939. Rio Janeiro, Imprensa Militar. 1939.

Boletim do Exército. 1939, julho — (nos. 33, 35).

JUSTIÇA, MINISTÉRIO DA :

Departamento Nacional de Propaganda.

1939. Ano feliz. N. 69. 14 p. — D. N. P.

O Duque de Caxias, por Joracy Camargo. Rio de Janeiro, D. N. P. 1939. 46 páginas.

O elogio proletário de Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, D. N. P. 1939. 24 páginas.

Exaltação da terra, por Negrão de Lima. Rio de Janeiro, D. N. P. 1939. 12 páginas.

História de um menino de São Borja; a vida do Presidente Getúlio Vargas contada por tia Olga aos seus sobrinhos. D. N. P., 1939. 48 p.

Imperativo Nacional (Texto da lei do Serviço Militar). D. N. P. 1939. 48 p.

Um passeio de quatro meninos espertos na Exposição do Estado Novo. Rio de Janeiro, D. N. P., 1939. 93 p.

O presente e o futuro do trabalhador. (Como estão assegurados pela legislação social do Brasil-Novo). D. N. P., 1939, n. 65. 117 p.

Síntese da Reorganização Nacional. Rio de Janeiro, D. N. P., 1939. 64 p.

Tiradentes, por Viriato Corrêa. D. N. P., 1939, n. 73. 48 p.

Polícia Civil do Distrito Federal.

Boletim do Serviço. Ano VII, 1939, julho (n. 176), agosto (nos. 177, 178, 179, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 200, 201).

RELACIONES EXTERIORES, MINISTÉRIO DAS :

Relação dos funcionários, com os respectivos tempos de serviço, até 30 de junho de 1939. Rio de Janeiro, "Jornal do Comércio", 1939. 48 p.

VIAÇÃO, MINISTÉRIO DA :

Departamento de Aeronáutica Civil.

Boletim do Pessoal. Ano I, 1939, julho (nos. 13, 14); agosto (n. 16).

Divisão de Tráfego.

Estatística de 1938. Rio de Janeiro, D. A. C., 1939, 76 p.

Departamento dos Correios e Telégrafos.

Boletim do Pessoal. Rio de Janeiro, 1939. Ano I, maio (n. 4).

Boletim do Pessoal da Diretoria Regional de Alagoas. Ano I, 1939 (nos. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14) agosto (n. 15).

Boletim do Pessoal da Diretoria Regional do Amazonas e Acre. Ano I, 1929, julho (nos. 10, 11) agosto (n. 12).

Boletim do Pessoal da Diretoria Regional de Botucatú. Ano I, 1939, julho (n. 11) agosto (nos. 12, 13).

Boletim do Pessoal da Diretoria Regional de Campo Grande. Ano I, 1939, julho (n. 13) agosto (nos. 14, 15).

Boletim do Pessoal da Diretoria Regional de Diamantina. Ano I, 1939, julho (nos. 6, 7) agosto (n. 8).

Boletim do Pessoal da Diretoria Regional do Espírito Santo. Ano I, 1939, julho (n. 12) agosto (n. 15).

Boletim do Pessoal da Diretoria Regional de Juiz de Fora. Ano I, 1939, agosto (nos. 28, 29).

Boletim do Pessoal da Diretoria Regional do Maranhão. Ano I, 1939, junho (n. 8); julho (nos. 9, 10).

Boletim do Pessoal da Diretoria Regional de Mato-Grosso. Ano I, 1939, maio (n. 7); junho (nos. 8, 9, 10).

Boletim do Pessoal da Diretoria Regional de Minas Gerais. Ano I, 1939, julho (n. 11); agosto (nos. 12, 13).

Boletim do Pessoal da Diretoria Regional do Pará. Ano I, 1939, julho (nos. 8 e 9).

Boletim do Pessoal da Diretoria Regional da Paraíba. Ano I, 1939, maio (nos 7, 9) junho (n. 12) julho (nos. 13, 14, 15) agosto (n. 16).

Boletim do Pessoal da Diretoria Regional de Pernambuco. Ano I, 1939, julho (n. 20).

Boletim do Pessoal da Diretoria Regional do Piauí. Ano I, 1939, junho (n. 8) julho (nos. 9, 10, 11) agosto (n. 12).

Boletim do Pessoal da Diretoria Regional de Ribeirão Preto. Ano I, 1939, agosto (nos. 13, 14, 15 e sup.).

Boletim do Pessoal da Diretoria Regional do Rio Grande do Norte. Ano I, 1939, agosto (n. 14).

Boletim do Pessoal da Diretoria Regional do Rio Grande do Sul. Ano I, 1939, junho (n. 4) julho (nos. 8, 9) agosto (n. 10).

Boletim do Pessoal da Diretoria Regional do Rio de Janeiro. Ano I, 1939, abril (n. 7).

Boletim do Pessoal da Diretoria Regional de Santa Catarina. Ano I, 1939 agosto, (nos. 16, 18).

Boletim do Pessoal da Diretoria Regional de Santa Maria. Ano I, 1939, maio (nos. 6, 7).

Boletim do Pessoal da Diretoria Regional de São Paulo. Ano I, 1939, maio (n. 1).

Boletim do Pessoal da Diretoria Regional de Sergipe. Ano I, 1939, maio (nos. 4, 5), junho (n. 6).

Boletim do Pessoal da Diretoria Regional de Uberaba. Ano I, 1939, julho (n. 12).

Departamento Nacional de Portos e Navegação.

Boletim do Pessoal. Ano I, 1939, maio (n. 6) junho (nos. 7, 8).

Diretoria de Saneamento da Baixada Fluminense.

Boletim do Pessoal. Ano I, 1939, julho (n. 13) agosto (nos. 15, 16).

Estrada de Ferro Central do Brasil.

Boletim do Pessoal. 1939, agosto (nos. 94, 95, 96).

Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

Boletim do Pessoal. 1939, agosto (nos. 29, 30, 31, 32).

Inspeção Federal das Estradas

Boletim. Ano IV, janeiro a março (n. 13).

Boletim do Pessoal. Ano I, 1939, agosto (nos. 13, 14, 15).

Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte.

Boletim do Pessoal. Ano I, 1939, agosto (nos. 17, 18).

Estrada de Ferro de Goiás.

Boletim do Pessoal. Ano I, 1939, agosto (n. 17).

Estrada de Ferro Petrolina-Teresina.

Boletim do Pessoal. Ano I, 1939, agosto (n. 15).

Estrada de Ferro São Luiz-Teresina.

Boletim do Pessoal. 1939, fevereiro (n. 2); abril (n. 4); maio (nos. 6, 7).

Inspeção Federal de Obras Contra as Secas.

Boletim. Vol. 11, 1939 (n. 1) janeiro a março.

Boletim do Pessoal. Ano I, 1939, julho (n. 11).

Réde de Viação Cearense.

Boletim do Pessoal. Ano I, 1939, agosto (nos. 25, 26).

Viação Férrea Federal Leste Brasileiro.

Boletim do Pessoal. Ano I, 1939, julho (nos. 4, 5); agosto (n. 7).

ESTADUAIS

BAÍA, ESTADO DA :

Departamento de Informações, Estatística e Propaganda.

O cacau na economia baiana, produção mundial de cacau. Baía, Boletim Estatístico n. 3. 1939, 13 p.

MINAS GERAIS, ESTADO DE :

Estatutos da Auxiliadora dos Reformados da Fôrça Pública do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1939. 37 p.

Serviço da Produção Vegetal.

O milho, como produzí-lo melhor e mais barato, por Antonio Secundino São João. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1939. 31 p.

Secretaria de Educação e Saúde Pública. Departamento de Educação.

Programa em experiência. Belo Horizonte, Imprensa Oficial do Estado, 1939. 109 p.

Secretaria das Finanças.

Contas do exercício financeiro e econômico de 1938. Belo Horizonte, Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1939. 109 p.

PARANÁ, ESTADO DO :

Diário Oficial. Ano 9, julho (nos. 2.114, 2.115, 2.116, 2.117, 2.118, 2.119) agosto (nos. 2.120, 2.121, 2.122, 2.123, 2.124, 2.125, 2.126, 2.127, 2.128, 2.129, 2.130, 2.131, 2.132).

PERNAMBUCO, ESTADO DE :

Arrecadação do imposto de indústrias e profissões (Decreto n. 287, de 25 de fevereiro de 1939). Recife, Imprensa Oficial, 1939. 24 p.

Das correições judiciais; decretos ns. 151 e 247 de 4 de agosto e 27 de dezembro de 1938. Recife, Imprensa Oficial, 1939.

Decretos e atos da Interventoria Federal, ano 1939. Recife, Imprensa Oficial, 1939.

Decreto-lei n. 235, de 9 de dezembro de 1938, que fixa a divisão territorial do Estado, que vigorará, sem alteração, de 1.º de janeiro de 1939 a 31 de dezembro de 1943, e dá outras providências. Recife, Imprensa Oficial, 1939. 157 p.

Orçamento para o exercício de 1939 dos Municípios: *Afogados — Ingazeira, Aguas-Bélas, Águia-Preta, Alagôa-de-Baixo, Aliança, Altinho, Amaraji, Angelim, Barreiros, Bebedouro, Belém, Belmonte, Belo-Jardim, Bezerros, Boa-Vista, Bodocó, Bom-Conselho, Bom-Jardim, Bonito, Brejo-da-Madre-de-Deus, Buique, Cabo, Cabrobó, Canhotinho, Carpina, Catende, Correntes, Custodia, Escada, Exú, Flóres, Floresta, Gameleira, Garanhuns, Glória-do-Goita, Goiana, Gravatá, Igarassú, Ipojuca, Itapirica, Jaboatão, João-Alfredo, Jurema, Lagôa-dos-Gatos, Leopoldina, Macapá, Maraial, Moreno, Moxotó, Nazaré, Olinda, Ouricuri, Palmares, Panélas, Paudalho, Paulista, Pedra, Pesqueira, Petrolina, Queimadas, Quipapá, Recife, Ribeirão, Rio Branco, Rio*

Formoso, Salgueiro, São Bento, São Caetano, São Joaquim, São-José-do-Egito, São Lourenço, Serrinha, Sirinhaém, Surubim, També, Taquaritinga, Timbaúba, Triunfo, Vertentes, Vicência, Vila-Béla, Vitória.

Regimento de custas do fôro do Estado de Pernambuco, com as alterações de redação introduzidas pelo decreto n. 299, de 20 de março de 1939; (decreto n. 261 de 19 de janeiro de 1939). Recife, Imprensa Oficial, 1939, 68 p.

Regulamento da Câmara Sindical dos corretores de Pernambuco. Recife, Imprensa Oficial, 1939. 34 p.

Regulamento da Diretoria de Viação, Obras Públicas e Oficinas (ato n. 21096, de 29 de outubro de 1938). Recife, Imprensa Oficial, 1939. 44 p.

Regulamento da Escola Normal de Pernambuco; decreto n. 293, de 8 de março de 1939. Recife, Imprensa Oficial, 1939. 40 p.

Regulamento do imposto sobre vendas e consignações; (decreto 250, de 30 de dezembro de 1938. Recife, Imprensa Oficial, 1939. 46 p.

Secretaria do Interior.

Departamento de Educação.

Programas de educação primária. Recife, Imprensa Oficial, 1939. 55 p.

PIAUÍ, ESTADO DO :

Diário Oficial. Ano 9, 1939, julho (nos. 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172; agosto, (nos. 173, 174, 175, 176, 177).

RIO DE JANEIRO, ESTADO DO :

Diário Oficial. Ano 9 (n. 2.422).

SÃO PAULO, ESTADO DE :

Diário Oficial. Ano 49, agosto (nos. 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181,

182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189,
190, 191, 192, 193, 194, 196, 197, 198,
199).

Prefeitura do Município de São Paulo.

Departamento de Cultura.

Revista do Arquivo Municipal. Prefeitura do Município de São Paulo. Ano V, 1939, junho (n. 58).

Instituto de Pesquisas Tecnológicas.

2.ª reunião dos Laboratórios Nacionais de Ensaio; relação dos trabalhos apresentados. S. Paulo. 4 f.

A Biblioteca do D.A.S.P. tem grande interesse em receber, regularmente, todas as publicações editadas pelas instituições governamentais do país.

AUMENTO DA POPULAÇÃO DO BRASIL DESDE 1872, SEGUNDO OS RECENSEAMENTOS

1872	Primeiro recenseamento geral	10.112.061 habitantes
1890	Segundo recenseamento geral	14.333.915 habitantes
1900	Terceiro recenseamento geral	17.318.556 habitantes
1920	Quarto recenseamento geral	30.655.605 habitantes
1940	QUINTO RECENSEAMENTO GERAL	?? .?? .?? HABITANTES

AJUDE A COMISSÃO CENSITÁRIA NACIONAL A DESCOBRIR OS ALGARISMOS EXATOS PARA PÔR NO LUGAR DESSES OITO PONTOS DE INTERROGAÇÃO, EM 1940.